

FIDES REFORMATA 5/2 (2000)

Christopher A. Hall, *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja* (Viçosa: Ultimato, 2000). Traduzido do original em inglês *Reading Scripture with the Church Fathers* (1998).

Numa época em que a maior parte das editoras evangélicas brasileiras estão mais interessadas em lançar livros de apelo popular, muitas vezes sem se importar com a qualidade do seu conteúdo, é louvável a iniciativa da Editora Ultimato em publicar essa importante e valiosa obra de Christopher Hall, autor conhecido por seus estudos na área da patrística. A edição brasileira foi prefaciada por Ricardo Barbosa da Silva, que ressalta de maneira adequada a tese fundamental do livro — a interpretação bíblica não deve ser um esforço individual e subjetivo, mas levar em conta a rica tradição exegética da igreja cristã. Uma parte especialmente frutífera dessa tradição é aquela representada pelos antigos escritores cristãos, os pais da igreja.

O autor deixa claro o seu propósito na introdução: apresentar de modo tão claro e correto quanto possível a metodologia e o conteúdo da interpretação bíblica patrística, especialmente dos pais reconhecidos como bons leitores da Escritura. O refrão que se repete vez após vez é o fato de que os pais entendiam a interpretação bíblica como uma atividade comunitária praticada no contexto da oração e da vida devocional.

O primeiro capítulo (“Por que ler os pais?”) aponta para o mito moderno e contemporâneo do intérprete autônomo que despreza o passado como algo inferior e assim se empobrece intelectual e espiritualmente. No capítulo 2 (“A mente moderna e a interpretação bíblica”) Hall critica tanto o iluminismo, com sua ênfase na razão autônoma, quanto o subjetivismo e o pragmatismo pós-moderno. Ele insiste que os intérpretes bíblicos atuais devem aprender a ser humildes e estar abertos às valiosas contribuições do passado. Nem tudo que os pais disseram pode ser aceito, mas é preciso reconhecer que, até mesmo por uma questão de afinidade cultural e linguística, eles tiveram um discernimento das Escrituras que faríamos bem em conhecer e apreciar.

O terceiro capítulo indaga quem são os pais (e mães) da igreja. Depois de mencionar algumas mulheres notáveis como Marcela, Paula, Melânia, Olímpia e Macrina, que certamente estariam entre os teólogos da igreja caso tivessem deixado escritos, o autor enumera os quatro critérios básicos usados para determinar se um certo personagem merece o título de “pai da igreja” – antigüidade, santidade de vida, ortodoxia e aprovação eclesiástica –, apontando ao mesmo tempo para as limitações desses critérios. Nos capítulos 4 e 5, Hall analisa quatro doutores do Oriente (Atanásio, Gregório Nazianzeno, Basílio de Cesaréia, João Crisóstomo) e quatro do Ocidente (Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório Magno) como indivíduos especialmente representativos do que houve de melhor e mais salutar na exegese patrística grega e latina. Em cada caso, além de fornecer as informações biográficas mais relevantes e um apanhado da produção literária dos personagens, o autor oferece exemplos ilustrativos de suas estratégias hermenêuticas.

Nos capítulos 6 e 7 são abordadas as duas grandes escolas de interpretação bíblica às quais os pais da igreja estavam associados em maior ou menor grau, Alexandria e Antioquia, a primeira com sua ênfase na pluralidade de sentidos na Escritura (a interpretação alegórica) e a segunda com sua maior preocupação com o sentido literal e histórico do texto. Por um lado, Hall demonstra como a abordagem alegórica respondeu a

desafios apresentados pelo ambiente cultural helenístico e ao mesmo tempo revelou o enfoque profundamente cristocêntrico da interpretação dos pais, com seu desejo de ver Cristo em cada passo das Escrituras. Por outro lado, o autor argumenta que a diferença entre as duas escolas é mais de ênfase do que de essência. Os intérpretes da Escola de Antioquia também iam além do sentido literal, valorizando a tipologia e buscando significados mais ricos e profundos por trás da mera letra do texto bíblico. São apresentados exemplos de exegese bíblica de alguns dos representantes mais destacados das duas escolas.

O último capítulo ("Dando sentido à exegese patrística") sugere ao leitor uma via média entre a aceitação incondicional e a rejeição peremptória da exegese patrística. Hall reconhece que, por terem vivido em um mundo tão diferente do atual, os pais nem sempre são fáceis de entender. Todavia, para aqueles que forem pacientes e souberem ouvir, eles podem dar uma contribuição extremamente relevante ao seu esforço de ler as Escrituras com integridade. O autor também acredita que o estudo dos pais pode ser um instrumento de aproximação e diálogo entre as diferentes tradições cristãs (ortodoxa, católica e protestante). Ele conclui observando que a tradição exegética patrística oferece alguns princípios hermenêuticos muito úteis para os leitores modernos: ler a Bíblia holisticamente, cristologicamente, comunitariamente, bem como no contexto da vida devocional e do discipulado cristão.

Infelizmente, essa obra tão relevante e valiosa fica prejudicada por sérios problemas de tradução e revisão, que, espera-se, sejam corrigidos em uma nova edição. Apontamos alguns exemplos dos muitos que podem ser facilmente encontrados no livro: não estamos no "limiar do segundo milênio," e sim do terceiro (p. 15); o moto *Sola Scriptura* é a franca asserção e aceitação "*de que a igreja pode errar*" (p. 19); não se demonstra "profunda cautela" e sim "profunda desconfiança" do passado cristão (p. 20); não se trata de "diferentes suposições inteiramente," e sim "suposições inteiramente diferentes" (p. 23); não "cânon" e sim "cânones" (p. 25); "horrorizados e repugnados após anos de guerras religiosas" em vez de "horrorizados e intoleráveis após anos de atividade religiosa" (p. 27); "não há literalmente nenhum outro sentido senão o sentido que elas criam para si mesmas" em vez de "não há literalmente nenhum sentido do que o sentido que elas criaram para si" (p. 29); "história de reflexão da igreja" em vez de "história da igreja de reflexão" (p. 30); "dispensacional" em vez de "dispensional" (p. 31); "as ponderações... parece levar" (p. 35); "os ideais do iluminismo *moldou*" (p. 38).

O tradutor mantém os títulos das obras de alguns pais e reformadores em inglês, como se eles tivessem escrito nesse idioma (pp. 17,19). Quanto aos erros de revisão, eis alguns exemplos: a palavra "assumiu," embora inicie uma sentença, está com inicial minúscula (p. 21); "palalvras" (p. 30); "metolologia" (p. 31); "tantativas" (p. 34); "iuminismo" (p. 35); "protistuto" (p. 37). Esses são apenas alguns dos problemas encontrados nos dois capítulos iniciais do livro. Existem muitos outros no restante do texto.

Os senões da edição brasileira não devem desestimular o leitores, pois a maior parte do texto apresenta boa tradução e um estilo agradável de ler. O mais importante é o conteúdo, com sua argumentação cuidadosa, sua rica documentação através de fontes primárias e secundárias, e sua mensagem relevante para os dias atuais.